

## Entrevista de Julian Assange com Moncef Marzouki

Presidente da República da Tunísia, Moncef Marzouki é um médico formado e foi opositor de longa data do ditador Zine El-Abidine Ben Ali. No início da década de 1990 sua voz opositora a Ben Ali o levou à prisão pelas mãos do regime.

Ele fundou o Comitê Nacional em Defesa dos Prisioneiros de Consciência e foi presidente da Comissão Árabe de Direitos Humanos. Perseguido e assediado, Marzouki deixou a Tunísia para exilar-se na França. Junto com outros exilados tunisianos, fundou e presidiu o partido político Congresso pela República.

Escreveu extensivamente sobre ditaduras, trazendo um olhar clínico para cooperar na cura de sua sociedade. Desde 2001, ele declara que pressões externas e revoltas armadas não derrubariam Ben Ali, mas sim um movimento popular que empregasse os métodos da resistência civil. Em janeiro de 2011 a Tunísia mostrou que ele estava certo. Depois da partida de Ben Ali, ele voltou do exílio para anunciar sua candidatura e foi eleito presidente interino pela nova Assembleia Constituinte da Tunísia, em outubro de 2011.

Assange observa, “Moncef Marzouki, ativista pelos Direitos Humanos, deve agora liderar o Estado que o aprisionou. Poderá ele transformar o Estado? Ou as realidades do poder transformarão Marzouki?”

### O MUNDO AMANHÃ – EPISÓDIO 3

[OFF]

Eu sou Julian Assange, editor do WikiLeaks. Nós expusemos os segredos do mundo e fomos atacados pelos poderosos. Há 500 dias eu estou detido sem acusação, mas isso não nos deteve. Hoje estamos em busca de ideias revolucionárias que possam mudar o mundo amanhã.

Durante o ano passado, o Oriente Médio foi sacudido por movimentos rebeldes. E a Tunísia foi o país onde tudo começou. Hoje, eu converso com o novo presidente da nova Tunísia – Moncef Marzouki Um medico e ativista dos Direitos Humanos...

Marzouki é farinha de um saco muito diferente do seu antecessor corrupto e exuberante, Ben Ali. Preso e exilado durante o regime de Ben Ali, Marzouki é considerado possuidor da maior autoridade moral de todos os líderes árabes.

Mas eu me pergunto: quanto isso poderá durar?

A transformação da Tunísia está longe de estar completa e o presidente Marzouki agora tem que encarar a realidade do poder.

**JA**

Sr. Presidente, pode me ouvir?

**Pres. MM:**

Olá! Como está, Sr. Assange?

**JA:**

É muito bom vê-lo...

**Pres. MM:**

Sabe, eu sempre fui um admirador do trabalho que você tem feito... Eu te desejo... eu te desejo o melhor! Se você alguma vez tiver problemas, você será bem vindo na Tunísia.

**JA:**

Obrigado.

Você esteve preso em 1993, e eu estava preso em 2010. Esta experiência foi muito interessante para mim, como sobreviver ao confinamento solitário.

E eu acho que talvez todo mundo deveria passar por esta experiência ao menos uma vez.

Pode me dizer como você sobreviveu à prisão?

**Pres. MM**

Bem, você sabe, eu passei quatro meses na solitária. Mas Hamadi Jebali, que é o primeiro-ministro da Tunísia, passou mais de 10 anos na solitária. Eu sempre o admirei. Eu nunca entendi como ele conseguiu sobreviver a esta experiência.

Porque depois de quatro meses, eu estava conversando sozinho. Eu realmente enlouqueci. Eu enlouqueci porque quando você só tem a si mesmo para conversar, ficar sozinho consigo mesmo o tempo todo é uma experiência terrível.

É por isso que eu acho que isso é um tipo de tortura psicológica.

E muitas pessoas disseram. "Você nunca foi torturado na prisão". E eu costumava dizer: "Não, eu estava sob tortura mas era outro tipo de tortura e provavelmente pior".

Eu acredito que mais de 30 mil pessoas foram torturadas na Tunísia e eu estava revoltado por eles. Eu me revoltava por conta disso. Gente que torturava e depois voltava para casa para brincar com seus filhos e ouvir música, ter uma vida normal.

E eu nunca entendi como é possível aceitar fazer algo assim. E ter a certeza de ser um ser humano? Bem, como você pode sobreviver a este tipo de experiência?

Eu acho, quando você sabe estar lutando por Direitos Humanos, por valores, então você pode ter resistência suficiente, para enfrentar a situação.

**JA:**

Estas pessoas que agiram contra você e seus amigos na Tunísia sob o regime de Ben Ali, o antigo chefe de inteligência, por exemplo, você os encontra hoje que você é presidente?

**Pres. MM:**

Sim.

**JA:**

O que eles dizem? Eles pedem desculpas?

**Pres. MM:**

Não, não, eles não pedem desculpas. Eles diriam “Olha, nós obedecemos ordens. Somos apenas funcionários públicos”. E isto, para mim, é completamente inaceitável.

Porque eu acho que todos devem ter vontade própria e encarar sua parcela de responsabilidade. E é muito fácil dizer “Eu só obedecia ordens”. Eu não posso aceitar este tipo de desculpa, porque isso mostra também o fato dessa gente não apenas ser ordinária e cruel, mas também sem nenhuma dignidade, nenhum tipo de dignidade. Nós temos que aceitar nossas responsabilidades e dizer: “Olhe, eu fiz isso, mas desculpe. Eu estava errado”. Mas eu nunca ouvi nenhum deles dizendo: “Desculpe, eu estava errado”.

**JA:**

Você disse que a primeira vítima de uma ditadura são seus serviços de inteligência o que você quis dizer com isso?

**Pres. MM:**

Eu acho porque estas pessoas, por aceitarem obedecerem ao ditador, elas largam mão de tudo da humanidade deles, da honra, apenas para estarem ali, partilhando poder. E por isso eles também são vítimas do sistema. Você talvez saiba que gente praticando tortura... eles estão em uma situação muito triste. Alguns deles adoecem, outros suicidam-se, e eu acho que a tortura não destrói apenas as pessoas que são submetidas a ela, mas também as pessoas que torturam. São coisas terríveis para ambos os lados, para as pessoas cometendo tortura e para as pessoas submetidas à tortura.

**JA:**

Nos EUA, nós temos uma suposta fonte, a suposta fonte dos telegramas diplomáticos, que inclui material da Tunísia sobre Ben Ali. Seu nome é Bradley Manning e eles esteve na solitária por 10 meses. O que você diz sobre os EUA e seu papel, antes liderando a luta por Direitos Humanos e agora envolvido com tortura?

**Pres. MM:**

Quando você tem tortura em uma ditadura, isso parece normal. Claro que não é normal, é horrível. Mas quando você tem esse tipo de problema em um estado democrático e quando você encontra pessoas desse governo falando sobre Direitos Humanos isso parece ridículo, sabe? Eu lembro dois anos atrás... Não, quatro anos atrás eu fui convidado a ir a Washington por uma ONG para falar sobre Direitos Humanos na Tunísia e fui convidado a encontrar alguém importante da Casa Branca que lida com questões de Direitos Humanos. E eu disse “Não, eu não vou encontrar esta pessoa, porque será ridículo conversar com este sujeito!” Sabendo muito bem que ele provavelmente era responsável pelo problema de Guantanamo. Não dá para levar a sério alguém que é responsável por tortura em seu próprio país e daí este sujeito vai te dar algumas lições sobre como promover os Direitos Humanos na Tunísia. Por isso eu não aceitei encontrá-lo.

**JA:**

Qual a situação atual dos serviços de inteligência na Tunísia? Como chefe das forças armadas, você é o chefe do comando das forças armadas. Você também é o chefe dos serviços de inteligência?

**Pres. MM:**

É uma situação delicada porque nós temos que lidar com o problema muito cautelosamente. Nós temos que removê-los um a um mas a coisa mais importante para mim é... Nós vamos encarar algumas questões difíceis, como o movimento salafista, que é um movimento extremamente pró-Direita aqui na Tunísia... eles podem ser muito perigosos para a democracia.

Nós temos que enfrentar o problema de um ponto de vista político, temos que discutir com eles e assim por diante. Mas alguns deles não estão aceitando nenhum tipo de discussão política e alguns deles podem representar um tipo de ameaça contra a democracia. Então, quando eu falo com a polícia e os líderes militares, eu digo: “Nós temos que lidar com esse problema com cautela mas por favor, sem mais torturas e julgamentos injustos como nós tínhamos na ditadura”.

Nós temos que lidar com este problema de maneira muito séria para concretizarmos os valores de Direitos Humanos. Eles me olham, talvez pensando se eu estou sendo sério. E eu digo: “Sim, eu estou sendo sério. Nada mais de torturas na Tunísia”.

**JA:**

Você já viu o seu próprio arquivo de inteligência mantido por Ben Ali.

Agora que você é presidente... O material de espionagem sobre você?

**Pres. MM:**

Sim, eu sou muito curioso sobre este arquivo, mas de fato não tive tempo. Mas eu tenho alguns materiais sobre atuais oponentes políticos do sistema e eu disse: “Eu não vou jogar com este tipo de carta, eu não vou ameaçar este sujeito com este tipo de ferramenta”. Eu

não quero saber do que aconteceu. Eu não estou interessado em ameaçar meus adversários políticos pelas mesmas ferramentas que usaram contra mim.

**JA:**

No WikiLeaks, como meio de divulgação nós vimos o que aconteceu no Egito quando a Ad-Dawla, o serviço secreto egípcio foi saqueado e estes arquivos foram postos à mostra, e começou a descrever o que realmente acontecia ali. Enquanto alguém que acompanhou esta revolução no Egito muito próximo e tentou coletar material sobre Mubarak e Suleiman e assim por diante, eu sabia que a revolução egípcia teve êxito de um modo muito importante quando os arquivos da Ad-Dawla finalmente foram expostos. Aquilo foi o fim da polícia secreta, ou um novo capítulo da polícia secreta. Então, me parece que aquela é a maneira verdadeira de se ter certeza que não há volta. Revelar os segredos internos do regime deposto para todos para que todos tomem parte dele. Mesmo que isso cause algum tipo de conflito na sociedade.

**JA:**

Você vai abrir os arquivos tunisianos?

**Pres. MM:**

Sim, para historiadores. Porque eu acho que nós temos o dever de saber o que aconteceu, mas eu não tenho interesse em saber quem escreveu... quem escreveu sobre mim... Isto é inútil... Eu gostaria de ter uma perspectiva geral. O que aconteceu exatamente? Como era o sistema? Mas não me interessa sentenciar pessoas e dizer: "Você fez isto e aquilo e...". Porque isso pode ser muito, muito perigoso... É importante saber, lembrar, mas às vezes também é importante não saber e esquecer.

**JA:**

Há alguma pressão sobre você de outras pessoas no governo tunisiano para manter estes arquivos em sigilo?

**Pres. MM:**

Não, não... não há nenhuma pressão. Esta é minha escolha. Minha escolha é ser cauteloso porque mais uma vez nós temos... nós temos que saber, mas também temos que esquecer e perdoar.

**JA:**

Você disse antes que existem alguns limites no que tange a informação e às vezes a verdade é boa, outras vezes a verdade é má. Recentemente a internet tunisiana teve páginas censuradas. Mas para censurar apenas uma página, você tem que espionar toda a ação que alguém faz para ver o que deveria ser desautorizado. Você acha isso certo, que este é o limite correto?

**Pres. MM:**

Eu acho que censura à internet é inútil. Primeiro, é inútil, impossível e contraproducente. Enquanto ativista de Direitos Humanos, eu prefiro os efeitos colaterais da total liberdade de expressão... Os bons efeitos, eu devo dizer, no lugar da censura. Eu sempre disse que ou contra qualquer forma de censura na internet ou sobre qualquer forma de expressão.

**JA:**

Eu falei com Hassan Nasrallah há duas semanas e perguntei a ele porque havia uma diferença de posição dele em relação à Síria e dos tunisianos à Síria. Parece uma permuta. Hassan Nasrallah é brando com a Síria, a Tunísia é branda com o Bahrein. A Tunísia é dura com a Síria e Hassan Nasrallah é duro com o Bahrein, com o governo do Bahrain e os abusos que acontecem ali. Por que isto?

**Pres. MM:**

A ditadura que os sírios sofrem é exatamente a mesma que a da Tunísia antigamente, antes da revolução. É por isso que nós nos sentimos próximos do povo sírio. Nós entendemos o que eles estão sentindo porque estão lutando contra corrupção, contra a brutalidade, contra o estado de medo. E nos sentimos muito próximos a eles porque algumas vezes nós também temos alguma parte, porque eu posso dizer que se não tivéssemos a revolução aqui na Tunísia, provavelmente isso não teria acontecido na Síria ou no Egito. Então, nós nos sentimos responsáveis por isto.

Sentimos-nos muito próximos. Nós os entendemos e sentimos que a luta deles por democracia e Direitos Humanos é nossa. Nós os apoiamos e temos que deixar isso de lado. Nasrallah e pessoas como ele acham que a Síria, assim como ele, é contra Israel e eles podem perdoar tudo nesta ditadura. Mas aqui na Tunísia, nós não temos esse problema. Nós não estamos interessados numa luta entre Israel e Síria. O que é importante para nós é que estas pessoas estão sofrendo daquilo que nós sofremos e é por isso que nós apoiamos completamente o povo sírio contra a ditadura deles tanto quanto nós lutamos contra a nossa própria ditadura. Eu não entendo isso aqui na Tunísia. Nós temos algumas pessoas aqui na Tunísia apoiando a ditadura síria. Não há boa ditadura. Ditadura é ditadura. Corrupta, brutal e contra o povo. Eu realmente não entendo a posição de Nasrallah. Eu posso dizer para você que Nasrallah foi muito popular depois de 2006 porque ele lutou contra Israel. Mas agora, a sua popularidade está completamente esgotada aqui na Tunísia e em todo mundo árabe.

**JA:**

Você ofereceu asilo na Tunísia para o presidente da Síria, Bashar AL-Assad. Mas está é uma oferta real?

**Pres. MM:**

O que é importante para nós é que o derramamento de sangue pare na Síria. Isso é o mais importante. É por isso que eu disse: "Nós temos um cenário iminente, poderia ser uma boa solução para o povo sírio". E eu disse: "Por que esse sujeito vai para a Rússia?". E os russos dizem: "Nós não temos interesse em tê-lo aqui". E um jornalista me perguntou: "Você

estaria interessado em ter este homem, se...". Eu disse: "É claro, se esta for a melhor solução". Provavelmente você também sabe que Assad nunca pediria asilo na Tunísia.

Logo, não é uma questão real e nem uma posição real.

Claro, ele provavelmente fugiria para a Rússia,

ou qualquer outro país, mas nunca para a Tunísia.

17.50

JA:

Você recebeu esta conferência recentemente na Tunísia – os Amigos da Síria.

Hillary Clinton veio e muitos outros poderosos do Ocidente e da região.

Uma informação que publicamos recentemente

mostra que o setor de segurança dos EUA acredita

que Forças Especiais americanas estejam na Síria e que armas e dinheiro são mandados para os rebeldes sírios. Você disse que não acredita em intervenção estrangeira na Síria e não acredita que a Tunísia deveria suprir a resistência síria com armas. Mas e apoio de inteligência, treinamentos com armas dentro da Síria? A Tunísia poderia oferecer uma base para a oposição síria?

**Pres. MM:**

Como eu te disse, não apoiamos nenhum tipo de intervenção estrangeira na Síria. Eu creio que dar armas para os sírios seria levar o país a uma guerra civil. Eu não acho uma boa opção. Eu ainda acho que a única solução deva ser política e nós temos que achar um campo comum entre a oposição e o regime. Eu ainda acho que a única solução é o cenário do Iêmen. Está é minha posição e esta é a posição da Tunísia. Nós somos contra qualquer forma de intervenção de onde quer que parta.

JA:

Seu partido obteve 8,7% dos votos durante a eleição tunisiana e o partido mais islâmico teve 37% dos votos naquela eleição. Mas você pessoalmente tem 60% de aprovação por todo o público tunisiano. Qual a porcentagem de poder você acredita ter?

**Pres. MM:**

Deixe-me lhe falar primeiro que as pessoas no Ocidente acham que o islamismo político na Tunísia ou no Egito prevalece democraticamente, e é exatamente o contrário. Eu acho que nós na Tunísia, a parte central do espectro islâmico, é parte agora do sistema democrático e do jogo democrático, então eu posso dizer que a democracia prevalece sobre o movimento islâmico porque os islamitas tornaram-se democratas. E nós – como setor – não nos tornamos islamitas. Isto é muito importante.

**JA:**

Então, há uma mudança?

**Pres. MM:**

Eu estou muito surpreso com o modo como o Ocidente olha para a Tunísia ou o Egito e diz: “Olha, agora os islamitas estão no governo e eles têm a maioria no parlamento”. Sim, eles têm maioria no parlamento, mas em um parlamento democrático, eles foram eleitos democraticamente e estão sendo parte do jogo democrático. É por isso que eu posso dizer que a democracia prevalece... depois da revolução, e não o movimento islâmico, mesmo que os islâmicos tenham tido mais votos que os seculares no governo. Isto é muito importante. Pelo que eu saiba, eu acho que a coisa mais importante... O poder que eu tenho é simbólico. Porque aqui na Tunísia, eu devo ser o presidente de todos tunisianos. Islâmicos, setores islâmicos... E eu tento agir desta forma... neste papel de ser presidente de toda Tunísia... Discutindo com todos os partidos políticos, tentando aproximar as pessoas... E isso é muito importante. E nem é sabido que esta é a função mais importante que eu tenho.

**JA:**

Então, eu imagino que isto seja difícil para você. A forma como vejo os líderes com quem tenho lidado, e na minha posição também, existem tantos movimentos forçados que são levados a fazer, uns são forçados pela situação ou pela habilidade limitada de agir de um certo modo, mesmo que sua consciência queira agir de outra forma. Você ficou surpreso com a falta de poder ao se tornar presidente? A falta de habilidade de concretizar o que você gostaria, os compromissos que você teve que fazer.

**Pres. MM:**

Eu estou descobrindo que o fato de ser chefe de Estado não significa que você tenha todo poder. E minha frustração agora provavelmente é o sentimento mais importante que eu tenho todo dia. Eu posso te dar um exemplo. Estamos lidando agora com um grande problema de Al-Baghdadi Ali al-Mahmoudi. Ele está na Tunísia fazendo greve de fome porque está pedindo por sua libertação. Mas eu não posso libertá-lo porque a Líbia está pedindo sua prisão e nós temos vários interesses em comum com a Líbia. Mas dar este homem de volta à Líbia significa que ele poderia ter um julgamento injusto. E eu disse a meus aliados líbios que a honra da Tunísia e minha própria honra como ativista de Direitos Humanos... Eu não posso entregar este homem para a Líbia. Mas eu estou encarando uma grande pressão de dentro e de fora do país para entregar este homem à Líbia e tenho que dizer todos dias: “Não, nós vamos manter nossa posição”. É muito difícil conciliar as opiniões de ativista de Direitos Humanos com o dever de Chefe de Estado.

**JA:**

O que mais mudou para você?

**Pres. MM:**



Eu sou ainda mesma pessoa, eu ainda sou ativista de Direitos Humanos. Eu ainda acredito em meus valores e tento ser fiel a estes valores, então acho que eu não irei mudar, eu vou manter minhas opiniões. É claro, às vezes isso é difícil porque eu tenho sempre que lembrar que sou um chefe de Estado... e que tenho que ser muito cuidadoso com o que falo. Isso é doloroso às vezes, mas eu continuo. Como eu te disse eu estou convicto de que devo ser fiel a meus valores e as pessoas esperam que eu seja a mesma pessoa. E eu sempre tentarei ser o chefe de Estado da Tunísia mas também o ativista de Direitos Humanos que sempre fui.

**JA:**

Muito obrigado, senhor presidente...

**Pres. MM:**

Como eu disse, eu estou muito grato por tudo que você tem feito para promover os Direitos Humanos. E eu admiro e apoio seus esforços e por favor... eu desejo o melhor para todos vocês. Eu espero vê-lo na Tunísia, se você vier. Você será bem vindo neste novo país democrático.

**JA:**

Obrigado... e obrigado pelo pessoal de ambos os lados por organizar isto.

Boa sorte.

**Pres. MM:**

Obrigado... Então, adeus e boa sorte.

**Tradução: Marcus V F Lacerda / Ciro Barros**

**Agência Pública - [apublica.org](http://apublica.org)**